

**O SERMÃO DA MONTANHA:
FELIZES OS QUE TEM FOME E
SEDE DE JUSTIÇA, PORQUE
SERÃO SACIADOS
(Mt 5:6)**

**FELIZES OS MISERICORDIOSOS,
PORQUE ALCANÇARÃO
MISERICÓRDIA
(5:7)**

A CHAVE DE LUZ

(Da obra: Linha duzentos – pelo Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco C. Xavier)

Lembra-te de que ninguém avança sem companhia.

Toda obra pede auxílio e cooperação.

A árvore protege a fonte, tanto quanto a fonte alimenta a árvore.

O pão que extingue a fome é filho da compaixão do solo que nutriu a semente, da renúncia da semente que germinou para o sol e da força do sol que amparou a terra obscura e sustentou a semente frágil.

Assim também, vida afora, nas empresas que o mundo te conferiu, não prescindirás de braços amigos que te estendam socorro e fraternidade.

Todavia, não basta exponhas a outrem as necessidades que te afligem, nem vale te desmandes na queixa, encarecendo perante alheios ouvidos a angústia de teus problemas, a fim de que a verdadeira amizade se te revele, eficiente e prestigiosa. Indispensável saibas abrir as portas dos corações para que te não falte concurso às construções da existência.

Corações que, muitas vezes, jazem trancados na avareza afogados no vinagre da aflição ou deprimidos nos espinheiros do sofrimento.

Corações que padecem a flagelação do egoísmo, a paralisia do orgulho, o desvario da vaidade, a chaga da ignorância e o assalto do desalento.

Não te impressione, porém, a seara da treva em que se mergulham.

Quase todos esperam apenas a chave de luz que lhes descerre a passagem da noite para o dia, para a luz da libertação.

Avizinha-te deles com ternura e bondade, sem agravar-lhes a dor.

Desvenda-lhes o próprio ser, em forma de compreensão e serviço e todos virão ao teu encontro, sustentando-te os passos na tarefa a que te impuseste na vida, porque, em verdade, é da lei do Senhor que alma alguma resista ao toque da humildade com a chave da gentileza.

– A sinfonia da montanha é a carta de libertação do homem que se fazia servo das paixões dissolventes, objetivando inverter a ordem dos valores vigentes e demonstrando que a vitória da vida se baseia na estrutura do ser que se renova e se supera, com os olhos postos na imortalidade.

(Jesus)

***Há Flores no Caminho. Pelo Espírito Amélia Rodrigues,
psicografia Divaldo P. Franco.***

1 Vendo ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. **2** E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo: **3** Felizes os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus. **4** Felizes os mansos porque herdarão a Terra.

(Mt 5:1-4)

1** Vendo ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. **2** E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo: **3 Felizes os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus. 4 Felizes os mansos porque herdarão a Terra.

(Mt 5:1-4)

BEM AVENTURADOS OS POBRES PELO ESPÍRITO

(Da obra: O sermão da montanha – Huberto Rohden)

Poucas palavras do Evangelho sofreram, através dos séculos, tão grande adulteração e ludíbrio tamanho como estes. Escritores e oradores de fama mundial, e até ministros do Evangelho, aderem à blasfêmia de que o Nazareno tenha proclamado bem-aventurados e cidadãos do reino dos céus os “pobres de espírito”, isto é, os apoucados de inteligência, os idiotas e imbecis, os mentalmente medíocres.

Se assim fosse, o próprio Nazareno, riquíssimo de espírito, não faria parte dos bem-aventurados e possuidores do reino dos céus.

Não se sabe o que mais estranhar nessa interpretação, que se tornou proverbial, se a hilariante ignorância dos seus autores, se a revoltante arrogância dos profanadores de uma das mais sublimes mensagens do Cristo.

Nem no texto grego do primeiro século, nem na tradução latina da Vulgata se encontre o tópico “pobres de espírito”, mas sim “pobres pelo espírito”, ou seja, “pobres segundo o espírito”. [...] Na tradução “de espírito” entende-se o genitivo, como se disséssemos: “fulano é pobre de saúde, de inteligência”, isto é, falta-lhe saúde, inteligência. De maneira que nem a gramática nem o espírito geral do Nazareno permitem a tradução “pobres de espírito”, que, no entanto, se tornou abuso quase universal.

Jesus proclama bem-aventurados, cidadãos do reino dos céus, agora e aqui mesmo, todos aqueles que são pobres, ou desapegados, dos bens terrenos, não pela força compulsória das circunstâncias externas e fortuitas, mas sim pela livre e espontânea escolha espiritual; os que, podendo possuir bens materiais, resolveram livremente despossuir-se deles, por amor aos bens espirituais, fiéis ao espírito do Cristo: “Não acumuleis para vós bens na terra — mas acumulai bens nos céus”.

Essa libertação da escravidão material pela força espiritual supõe uma grande experiência e iluminação interna. Ninguém abandona algo que ele considera valioso sem que encontre algo mais valioso. Quem não encontrou o “tesouro oculto” e a “pérola preciosa” do reino dos céus não pode abandonar os pseudotesouros e as pérolas falsas dos bens da terra. É da íntima psicologia humana que cada um retenha aquilo que ele julga mais valioso.

O verdadeiro abandono, porém, não consiste em uma fuga ou deserção externa, mas sim em uma libertação interna. Pode o milionário possuir externamente os seus milhões, e estar internamente liberto deles — e pode, também, o mendigo não possuir bens materiais e, no entanto, viver escravizado pelo desejo de os possuir, e, neste caso, é ele escravo daquilo que não possui, assim como o milionário pode ser livre daquilo que possui. Este possui sem ser possuído — aquele é possuído pelo que não possui.

O que decide não é possuir ou não possuir externamente — o principal é saber possuir ou não possuir. Ser rico ou ser pobre são coisas que nos acontecem, de fora — mas a arte de saber ser rico ou de ser pobre, é algo que nós produzimos, de dentro. O que nos faz bons ou maus não é aquilo que nos acontece, mas sim o que nós mesmos fazemos e somos.

A verdadeira liberdade, ou seu contrário, consiste numa atitude do sujeito, e não em simples fatos dos objetos.

O que de fora entra no homem não torna o homem impuro — mas o que de dentro sai do homem e nasce em seu coração, isto sim torna o homem impuro” — ou também, puro, conforme a índole desse elemento interno.

Ser rico não é pecado — ser pobre não é virtude.

Virtude ou pecado é saber ou não saber ser rico ou pobre.

Naturalmente, quem é incapaz de se libertar internamente do apego aos bens materiais sem os abandonar, também, externamente, esse deve ter a coragem e sinceridade consigo mesmo de se despossuir deles, também, no plano objetivo, a fim de conseguir a “pobreza pelo espírito”, isto é, a libertação interior. Aquele jovem rico do Evangelho, ao que parece, era incapaz de possuir sem ser possuído; por isso, o divino Mestre lhe recomendou que se despossuísse de tudo a fim de não ser possuído de nada — mas ele falhou. E por isso se retirou, triste e pesaroso, “porque era possuidor de muitos bens”. Possuidor? não — era possuído de muitos bens.

Entre possuidor e possuído há, verbalmente, apenas a diferença de uma letra, o “r” — mas esse “r” fez uma diferença enorme, porque é o r da redenção. O possuído é escravo — o possuidor não possuído é remido da escravidão. Quem não sabe possuir sem ser possuído, fez bem em se despossuir de tudo. Mas quem sabe possuir sem ser possuído pode possuir.

Não raro, o ato externo do desposuimento é condição preliminar necessária para a libertação interna.

Quem fez dos bens materiais um fim, em vez de um meio, pratica idolatria, porque “ninguém pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro”. Quem serve é servo, escravo, inferior. Quem serve ao dinheiro proclama o dinheiro seu senhor e soberano e a si mesmo servo e súdito. Mas quem obriga o dinheiro a servir -lhe é senhor do mesmo, porque usa o dinheiro como meio para algum fim superior.

Quem serve a Deus “em espírito e verdade” pode ser servido pelo dinheiro e por outros bens materiais.

Bem-aventurados os pobres pelo espírito, os que, pela força do espírito, se emanciparam da escravidão da matéria. Deles é o reino dos céus, agora, aqui, e para sempre e por toda a parte, porque, sendo que o reino dos céus está dentro do homem, esse homem leva consigo o reino da sua felicidade aonde quer que vá...

O nosso pequeno ego humano é muito fraco, e necessita de ser escorado por muitos bens materiais para se sentir um pouco mais forte e seguro mas o nosso Eu divino é tão forte que pode dispensar essas escoras e muletas externas e sentir-se perfeitamente seguro pela força interna do espírito.

Todo o problema está em saber ultrapassar a fraqueza e insegurança do ego e entrar na força e segurança do Eu...

Bem-aventurado esse pobre do ego — e esse rico do Eu!...

Dele é o reino dos céus!...

HUMILDADE

(Da obra: Pensamento e vida – Emmanuel, psicografia Francisco C. Xavier)

A humildade, por força divina, reflete-se, luminosa, em todos os domínios da Natureza, os quais expressam, efetivamente, o Trono de Deus, patrocinando o progresso e a renovação.

Magnificante, o Sol, cada dia, oscula a face do pântano sem clamar contra o insulto da lama; a flor, sem alarde, incensa a glória do céu. Filtrada na aspereza da rocha, a água se revela mais pura, e, em seguida às grandes calamidades, a colcha de erva cobre o campo, a fim de que o homem recomece a lida.

À carência de humildade, que, no fundo, é reconhecimento de nossa pequenez diante do Universo, surgem na alma humana doentios enquistamentos de sentimento, quais sejam o orgulho e a cobiça, o egoísmo e a vaidade, que se responsabilizam pela discórdia e pela delinquência em todas as direções.

Sem o reflexo da humildade, atributo de Deus no reino do “eu”, a criatura sente-se proprietária exclusiva dos bens que a cercam, despreocupada da sua condição real de espírito em trânsito nos carreiros evolutivos e, apropriando-se da existência em sentido particularista, converte a própria alma em cidadela de ilusão, dentro da qual se recusa ao contato com as realidades fundamentais da vida.

Sob o fascínio de semelhante negação, ergue azorragues de revolta contra todos os que lhe inclinem o espírito ao aproveitamento das horas, já que, sem o clima da humildade, não se desvencilha da trama de sombras a que ainda se vincula, no plano da animalidade que todos deixamos para trás, após a auréola da razão.

Possuída pelo espírito da posse exclusivista, a alma acolhe facilmente o desespero e o ciúme, o despeito e a intemperança, que geram a tensão psíquica, da qual se derivam perigosas síndromes na vida orgânica, a se exprimirem na depressão nervosa e no desequilíbrio emotivo, na ulceração e na disfunção celular, para não nos referirmos aos deploráveis sucessos da experiência cotidiana, em que a ausência da humildade comanda o incentivo à loucura, nos mais dolorosos conflitos passionais.

Quem retrata em si os louros dessa virtude quase desconhecida aceita sem constrangimento a obrigação de trabalhar e servir, a benefício de todos, assimilando, deste modo, a bênção do equilíbrio e substancializando a manifestação das Leis Divinas, que jamais alardeiam as próprias dádivas.

Humildade não é servidão. É, sobretudo, independência, liberdade interior que nasce das profundezas do espírito, apoiando-lhe a permanente renovação para o bem.

Cultivá-la é avançar para a frente sem prender-se, é projetar o melhor de si mesmo sobre os caminhos do mundo, é olvidar todo o mal e recomeçar alegremente a tarefa do amor, cada dia.

Refletindo-a, do Céu para a Terra, em penhor de redenção e beleza, o Cristo de Deus nasceu na palha da Manjedoura e despediu-se dos homens pelos braços da Cruz.

O que se deve entender por pobres de espírito

(Da obra: O evangelho segundo o espiritismo – Cap. VII – ítem 2 – Allan Kardec)

[...] Por pobre de espírito Jesus não se refere aos homens desprovidos de inteligência, mas aos humildes, e diz que o Reino dos Céus é para estes, e não para os orgulhosos.

Os homens de saber e de espírito, conforme o mundo, fazem geralmente tão alta opinião de si mesmos e de sua superioridade, que consideram as coisas divinas como indignas de sua atenção. Concentrando sobre si próprios os seus olhares, eles não os podem elevar até Deus.

[...]

O que se deve entender por pobres de espírito

(Da obra: O evangelho segundo o espiritismo – Cap. VII – item 2 – Allan Kardec)

[...] Dizendo que o Reino dos Céus é dos simples, Jesus deu a entender que ninguém é admitido nesse Reino sem a simplicidade do coração e a humildade do espírito; que o ignorante, que possui essas qualidades, será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra Ele. Mais vale para a felicidade futura que o homem seja pobre de espírito, no sentido mundano, e rico em qualidades morais.

1 Vendo ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. **2** E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo: **3** Felizes os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus. **4** Felizes os mansos porque herdarão a Terra.

(Mt 5:1-4)

MANÇOS DE CORAÇÃO

(Da obra: Escrínio de Luz – Emmanuel, psicografia Francisco C. Xavier)

Quando Jesus proclamou a felicidade nos mansos de coração, não se propunha, de certo, exaltar a ociosidade, a hesitação e a fraqueza.

Muita gente, a pretexto de merecer o elogio evangélico, foge aos mais altos deveres da vida e abandona-se à preguiça e à fé inoperante, acreditando cultivar a humildade.

O Mestre desejava destacar as almas equilibradas, os homens compreensivos e as criaturas de boa vontade que, alcançando o valor do tempo, sabem plantar o bem e esperar-lhe a colheita, sem desespero e sem violência.

A cortesia é o primeiro passo da caridade.

A gentileza é o princípio do amor.

Ninguém precisa, pois, aguardar o futuro, a fim de possuir a Terra. É possível orientá-la hoje mesmo, detendo-lhe os favores e talentos, entre os nossos semelhantes, cultuando a bondade fraternal.

As melhores oportunidades de cada dia no mundo pertencem àqueles que melhores se fazem para quantos lhes rodeiam os passos. E ninguém se faz melhor, arremessando pedras de irritação ou espinhos de amargura na senda dos companheiros.

A sabedoria é calma e operosa, humilde e confiante.

O espírito de quem ara a Terra com Jesus compreende que o pântano pede socorro, que a planta frágil espera defesa, que o mato inculto reclama cuidado e que os detritos do temporal podem ser convertidos em valioso adubo, no silêncio do chão.

Se pretendes, pois, a subida evangélica, aprende a auxiliar sem distinção.

A pretexto de venerar a verdade, não aniquiles as promessas do amor. Abraça o teu roteiro, com a alegria de quem trabalha por fidelidade ao Sumo Bem, estendendo a graça da esperança, a benefício de todos, e, um dia, todos os que te cercam e te acompanham entoarão o cântico de bem-aventurança que o teu coração escreveu e compôs nos teus atos, aparentemente pequeninos de fraternidade e sacrifício, em favor dos outros, em tua jornada de ascensão à Divina Luz.

FELIZES OU BEM-AVENTURADOS OS MANSOS

(Da obra: O evangelho segundo o espiritismo – Cap. IX – item 4 – Allan Kardec)

Por essas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da doçura, uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e até a expressão descortês para com os semelhantes.

[...]

É evidente que aqui, como em todas as circunstâncias, a intenção agrava ou atenua a falta, mas em que pode uma simples palavra revestir-se de tamanha gravidade? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei de amor e de caridade, que deve presidir às relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união. [...].

OS MANSOS HERDARÃO A TERRA

(Da obra: O evangelho segundo o espiritismo – Cap. IX – item 5 – Allan Kardec)

Que queria dizer por essas palavras: “Bem-aventurados os que são mansos, porque possuirão a Terra”, já que Ele mesmo havia recomendado aos homens que renunciassem aos bens deste mundo, e lhes tendo prometido os do Céu?

Enquanto aguarda os bens do Céu, o homem tem necessidade dos da Terra para viver. Jesus apenas lhe recomenda que não ligue a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Por aquelas palavras, o Cristo quis dizer que até agora os bens da Terra são tomados à força pelos violentos, em prejuízo dos que são mansos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo.

OS MANSOS HERDARÃO A TERRA

(Da obra: O evangelho segundo o espiritismo – Cap. IX – item 5 – Allan Kardec)

[...]

Promete que justiça lhes será feita, assim na Terra como no Céu, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à lei de amor e de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal será a condição da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, ela se houver transformado em mundo feliz, em virtude do afastamento dos maus.

BOA SEMANA!!!

[...] Sejam simples e espontâneos, na senda em que a atualidade nos situa, aprendendo com a vida e doando à vida o melhor que pudermos, para que, em nos candidatando à láurea dos bem-aventurados, possamos ser realmente discípulos felizes daquele Amigo Eterno que nos recomendou: “Aprendeí de mim que sou humilde de coração.”

(Da obra: Refúgio. Pelo Espírito Emmanuel, psicografia Francisco C. Xavier)